



Relatos da Escuridão: histórias de deficientes visuais que não se enxergam na mídia¹

Gabriela GUIMARÃES²

Fabício BARBOSA³

Sueda MARINHO⁴

José Eduardo Macedo⁵

Faculdades Alves Faria, Goiânia, Go

RESUMO

O livro reportagem *Relatos da Escuridão: histórias de deficientes visuais que não se enxergam na mídia* aborda a relação entre deficientes visuais e os meios de comunicação. Partindo desta problemática, se discute a ausência de produtos midiáticos capazes de atender às necessidades de informação deste grupo e a baixa divulgação de questões ligadas ao universo de pessoas com deficiência visual. Acredita-se na necessidade de explorar o tema para repensar a prática profissional e contribuir com a inserção dos deficientes no meio social.

Palavras-chave: comunicação; deficientes visuais; preconceito; livro reportagem.

1. INTRODUÇÃO

Consideramos o tema mídia e deficiência visual instigante e provocativo, por isso a proposta de realizar uma reflexão crítica sobre o assunto. Por meio dos relatos das fontes, foi possível contextualizar a maneira como as pessoas cegas são vistas pela mídia, já que não se enquadram nos padrões de consumo socialmente estabelecidos. Mostramos que a diferença existe em relação aos conteúdos dos Jornais, Revistas, Rádios, Internet etc. e também de que forma essas pessoas buscam informação no seu cotidiano. Percebemos também que as novas tecnologias estão facilitando o acesso aos conteúdos por pessoas cegas e a relevância da Internet neste novo cenário.

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro Reportagem.

² Aluno líder do grupo, estudante do 8º semestre do curso de Jornalismo. email: gabriela.f.guimaraes@gmail.com

³ Estudante do 8º semestre do curso de Jornalismo. email: fabriciosousa.b@hotmail.com

⁴ Estudante do 8º semestre do curso de Jornalismo. email: suedamarinho86@gmail.com

⁵ Orientador. Professor do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, email: jedumac@hotmail.com



Questionamos aos personagens como eles assistem TV, se frequentam ou não cinemas, como fazem a leitura de jornais e revistas, entre outros veículos de informação. Vivemos num país democrático, onde o direito a informação é garantido por Lei. A Constituição de 1988, no Artigo 5º, inciso XXXIII diz que "todos têm o direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral." Mas é assim que ocorre na prática? Eles, os deficientes visuais, também possuem o direito de ter informação de qualidade, mas não percebem seus direitos correspondidos como está disposto na Lei. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, existem cerca de 24,6 milhões de pessoas com alguma deficiência no Brasil e, desse total, quase 70% possui problemas visuais.

Ao entender o assunto relacionado aos deficientes visuais e a cidadania, percebemos que as pessoas cegas não possuem espaço para participar das decisões da sociedade. Observamos, por meio da realização de pesquisas de campo, que a essas pessoas cabe o papel de adequação ao que é decidido, e esse tipo de atitude se reflete também nos meios de comunicação, que não se preocupam em buscar formas de relacionar/interagir com os deficientes visuais.

2. OBJETIVO

Discutir a respeito da produção jornalística, e como os meios de comunicação podem contribuir de forma democrática para garantir o direito à informação de qualidade para os deficientes visuais.

3. JUSTIFICATIVA

A qualidade de um jornalismo que atenda o interesse público está cada vez mais comprometida devido às empresas jornalísticas buscarem a geração de lucro em primeiro lugar, deixando a informação em segundo plano, como afirma Benedetti.

O caráter empresarial das empresas jornalísticas motivou e ainda motiva abordagens teóricas instrumentalistas que vêem o jornalismo apenas como instrumento para geração de lucro e dominação política. Essas abordagens desconsideram o papel social do jornalismo ou optam por enfocá-lo como um discurso ideologicamente construído para legitimar a atividade (BENEDETTI, 2009, p. 24)

A importância da informação produzida pelos meios de comunicação vai além do objetivo de democratizar. O jornalismo também diverte, emociona e minimiza preconceitos, a partir



desse momento, deixa de ser um veículo que expressa apenas opiniões de grupos dominantes e passa a se tornar uma ferramenta indispensável para o cumprimento da responsabilidade social.

O jornalismo entra nesse processo como um meio de contestação do sistema e das atitudes de exclusão que permeiam a vida dos deficientes visuais. Deve, assim, participar das discussões de diferentes assuntos da sociedade, e buscar um novo olhar sobre a realidade social para conseguir pautar assuntos que não são destaque nos meios de comunicação e levar o público a pensar a maneira como se relacionam com a deficiência.

A comunicação participa também do processo de intervir nas relações sociais, quando as mesmas se encontram abaladas pelo fim dos princípios de igualdade, liberdade e em relação aos problemas ligados aos direitos humanos. Essa intervenção se dá por meio da abordagem de diferentes ângulos e pontos de vista para tentar alcançar um comum acordo, tendo como base encontrar a exatidão dos fatos. Os meios de comunicação são um dos principais meios de inclusão que os deficientes esperam atingir, pois acreditam que a mídia pode e deveria gerar discussões que pudessem contribuir com a aceitação dos portadores de deficiência no meio social.

A quantidade de fatos que ocorrem diariamente faz necessário que o jornalista faça uma seleção baseada nos critérios de produção da notícia, que incluem noticiabilidade, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotina de produção. Para Felipe Pena (2005), a Teoria do Newsmaking justifica essa prática profissional como consequência das pressões sociais e do fato de a mídia contribuir com a construção da realidade, afirmação que nega a Teoria do Espelho, que considera as notícias como reflexo do real.

Assim, o autor expõe que não é a vontade do jornalista que prevalece no momento de produção das notícias, mas, sim, seguindo critérios internos de produção. Neste cenário, os deficientes sentem a ausência da abordagem de suas necessidades, que se justifica por esses critérios que valorizam temas de interesse público e, principalmente, que tenham mais retorno de audiência.

Segundo os relatos apresentados pelos personagens deste livro, a televisão é a mídia que menos está preparada para garantir o direito à informação. Isso se explica de certa forma pela própria natureza do meio, já que a imagem é o elemento primordial dessa mídia. O meio de comunicação mais utilizado pelos deficientes visuais continua sendo o rádio, devido o seu formato descritivo e que facilita o entendimento das informações por esse público. Com o avanço da tecnologia a Internet aos poucos vem ocupando espaço e



conquistando a atenção desse público, com a ajuda de programas que facilitem a leitura dessa ferramenta.

Em relação aos conteúdos impressos, a adaptação nas versões em áudio e braille possibilita a inclusão e a garantia de acesso dos deficientes. No caso das publicações locais, esse grupo sente a ausência de produtos disponibilizados em formatos próprios que atendessem as necessidades em busca da informação.

A notícia é, assim, um produto social que influencia o meio da mesma forma que também é influenciada e exerce um papel de construção dos acontecimentos. Essa relação se torna possível ao discutir a inclusão de pessoas deficientes, pois com a abordagem que deveria ser feita pela mídia, a sociedade iria compreender melhor o papel que os deficientes podem exercer, tanto na área educacional quanto profissional.

O jornalismo deve atender a todos os públicos de maneira a garantir que os conteúdos sejam compreendidos e o objetivo da mensagem seja alcançado, que é o de informar. Nesse contexto, a diversidade de temas e abordagens devem ser questões primordiais da prática democrática do jornalismo.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Optamos por utilizar o livro reportagem para produção deste tema, pois este é uma ferramenta que permite aprofundar assuntos que geralmente são desprezados ou pouco falados pela mídia cotidiana. Ele vai além dos limites e convenções impostos pela exigência do “mercado” jornalístico. O livro reportagem faz ainda uma união de técnicas jornalísticas e literárias, que permite ao jornalista contar histórias por meio de entrevistas e outros relatos. Por meio do livro reportagem é possível atingir públicos variados, fazendo com que o leitor aprofunde na informação, porém com a vantagem da linguagem literária, ou seja, é capaz de fazer uma leitura menos “pesada”.

Em um livro reportagem é possível tratar de temas não factuais, porém sem deixar de lado o acontecimento novo, o olhar sobre o assunto. Exige efetivamente o uso das técnicas jornalísticas (pesquisa, entrevistas etc) na apuração do assunto.

A prisão do jornalismo comum em torno da atualidade o impede de buscar raízes, um pouco mais distantes do tempo, que explicam melhor as origens dos acontecimentos, bem como as motivações dos atores envolvidos.
(LIMA, 1993, p. 19)



O jornalismo literário é a união de técnicas jornalísticas com outras de narração, resultante de um processo de observação e pesquisa dos acontecimentos. Um dos objetivos do jornalismo literário é fazer com que determinado assunto permaneça mesmo não sendo factual. O jornalismo literário é ainda uma “saída” para jornalistas, porém sem deixar de lado atividades necessárias para uma informação de qualidade.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos”. (PENA, 2006, p.13)

O livro reportagem deve ser claro e direto, não possui periodicidade, porém as suas características não substituem os meios de comunicação. Para Belo (2006), o livro reportagem é o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informações organizada e contextualizada sobre um assunto, representando na sua visão uma das mídias mais ricas em possibilidades para a experimentação, o uso da técnica jornalística e aprofundamento da abordagem, portanto sendo também um dos exercícios mais ricos para o jornalista.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Relatos da Escuridão foi elaborado por meio do levantamento de dados referentes ao tema como também de possíveis fontes para a realização do livro. Houve contato com associações e demais entidades de apoio aos deficientes para agendar as entrevistas e solicitar dados relacionados à deficiência visual em Goiás. Em cada encontro, fizemos a exposição do que seria o livro reportagem e o enfoque que daríamos para o material coletado. Dentre as fontes entrevistas, nem todas aceitaram o projeto, pois alguns deixaram a arrogância e prepotência evidente de maneira a ignorar as questões que havíamos levantado. Em compensação, os quatro personagens principais da narrativa foram de extrema simpatia e sinceridade, a tal ponto de expor situações muito particulares pelas quais passaram.

Como forma de nos aprofundar mais no universo da deficiência visual assistimos a seis filmes e documentários além de leituras de material direcionado que foram de relevante importância para nos auxiliar nos contatos que faríamos. Assistimos aos filmes para facilitar o conhecimento a respeito do universo e das características comuns entre pessoas deficientes. O objetivo, assim, foi se sensibilizar para o tema e ter um primeiro contato com



essa realidade antes do momento de abordar essas pessoas. Dentre os filmes assistidos está: A pessoa é para o que nasce; Vermelho como o Céu e Janela da Alma.

Nessa primeira etapa de aproximação com o objeto aprendemos, por exemplo, que podemos usar palavras como “ver”, “enxergar” e “olhar” sem que o deficiente se sinta ridicularizado. Os filmes ajudaram a compreender também que os deficientes quando ultrapassam o momento da aceitação levam uma vida normal, pois trabalham e realizam atividades sem que tenham qualquer impedimento relacionado à deficiência.

Optamos por identificar os nomes verdadeiros das fontes com total consentimento das mesmas, que fizeram questão de terem sua identidade revelada para manter a humanização das histórias, e fazer com que os leitores entendam que a narrativa se trata realmente de casos verídicos. Para garantir a fidelidade às situações contadas pelos personagens, foi utilizado gravador, blocos de anotações e computador móvel para redigir as declarações. Involuntariamente em cada capítulo uma das fontes se destaca pela forma como cada um lidou com a deficiência. Neste primeiro capítulo, a história de como foi adquirida a deficiência de Jandira, fez com que a personagem tivesse mais destaque que os demais entrevistados.

O livro está dividido em três capítulos sendo que no primeiro deles apresentamos os quatro personagens que orientam a narrativa. E nesse momento levantamos as causas que levaram a deficiência de cada um deles, um pouco da biografia e, involuntariamente, percebemos que os personagens se ligam por diversos fatores sendo que o principal é o apoio na educação como forma de se inserirem no meio social. Optamos por mostrar a maneira pela qual tivemos os primeiros contatos com as fontes e dessa forma abordar alguns estranhamentos que tivemos.

Nos filmes que assistimos, a imagem do deficiente carregava certo grau de estereótipo que comprovavam que o personagem era cego. Porém, quando nos deparamos pessoalmente com alguns deficientes visuais, estes se portavam de maneira que não era facilmente perceptível que se tratava de pessoas com limitações visuais. Assim, deixamos claro essa surpresa para revelar que, mesmo com toda a preparação que tivemos, a realidade é diferente do que é passado em filmes e na mídia em geral. Situação que foi a base da nossa discussão neste livro.

No segundo capítulo tratamos do momento de aceitação e adaptação dos personagens, de maneira a expor detalhadamente as dificuldades enfrentadas no dia a dia das fontes. Dessa vez o destaque foi para Genésio, que teve grandes dificuldades de aceitação, mas em compensação possui uma história de superação que traz relatos surpreendentes. Optamos



também por sair de cena. No primeiro capítulo as nossas observações eram importantes para que o leitor se situasse com relação às características e a realidade de cada um dos personagens, nos outros capítulos isso não foi mais necessário.

Para fazer ligações entre as narrativas e as informações de comportamentos comuns entre os deficientes visuais, nos apoiamos nas explicações dadas pelas fontes especializadas e que possuem contato direto com esse fato. Abordamos as principais formas de adaptação pelo qual todos os deficientes com cegueira total buscam se inserir no meio social (braille, mobilidade, audiodescrição, softwares etc). O último capítulo aborda a relação mais direta entre os deficientes visuais e a mídia, demonstrando que os meios de comunicação ainda não produzem conteúdo de maneira adequada que atenda esse determinado grupo social. Nenhum dos personagens se mostrou satisfeito com o trabalho realizado pela mídia. De todos os meios de comunicação, o mais procurado pelos deficientes devido à forma que é transmitido os conteúdos, o rádio foi o de maior destaque. Com a evolução tecnológica, a Internet está se tornando mais acessível e vem contribuindo com inclusão digital dos deficientes, que agora possuem mais opções para a busca de informações.

Uma das questões que merece destaque é a aplicação da audiodescrição nos conteúdos informativos e didáticos, ferramenta apresentada por uma especialista que desenvolve este trabalho na Fundação Dorina Nowill para Cegos. Entrevistamos também um profissional da Comunicação para que a análise da relação entre deficientes visuais e a mídia não fosse abordada apenas por um ângulo, evitando afirmações tendenciosas. Buscamos analisar o papel da mídia na construção da identidade dos deficientes visuais e como os meios de comunicação ajudam a quebrar os paradigmas formados durante o processo histórico da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES

A elaboração de um livro reportagem proporciona a experiência única de produzir uma grande reportagem, com o tema pautado por nós mesmos e que nos permite contribuir para a melhoria da produção de informação para possibilitar que mais grupos sociais sejam atendidos, e que os profissionais dos meios de comunicação reflitam sobre a forma como produzem os produtos midiáticos.

Quando foi proposto o trabalho, apresentamos a ideia para pessoas da área e recebemos apoio e incentivo para concretizar a discussão sobre este tema, pois os mesmos se atentaram que existe uma falha neste processo de construção da notícia. Em relação a nossa própria construção, mudamos a maneira de enxergar os deficientes visuais, que antes pensávamos



não ter capacidade de resolver determinadas atividades, e que hoje percebemos que essa também era uma visão preconceituosa construída, principalmente, pela falta de conhecimento desse mundo.

Além do crescimento pessoal, como futuros jornalistas também mudamos a nossa visão de como produzir informação que atendam a todos os públicos, independente da deficiência que possuem. Dessa forma, pretendemos disponibilizar o livro nas versões em áudio e braille. Essa é uma atitude que resolvemos tomar para, além de dar o exemplo, incentivar que mais profissionais e demais autores disponibilizem seus produtos nestas versões.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A COR DO PARAÍSO. Direção: Majidi Majidi. Intérpretes: Hossein Mahjoub; Mohsen Ramezani e outros. Irã: Europa, 1999.1.DVD (86min).

A PESSOA É PARA O QUE NASCE. Direção: Roberto Berliner. EUA: Documentário, 2004.1.DVD.(84min).

ALMEIDA, D. B. de O. (Org). Lira, J. (Ed.). Educação: Diversidade e Inclusão em Debate. Brasil, 2007.

BELO, E. *Livro-Reportagem*. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BENEDETI, C. A. *A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática*. Série Jornalismo a Rigor. V. 2. Florianópolis: Insular, 2009

BORGES, P. Inclusão de deficientes visuais em escolas ainda é desafio. Brasília, nov. 2010. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em: 5 nov. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, Secretaria de Educação Especial, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb>. Acesso em 19 de out. de 2010.

CENTRO DE REABILITAÇÃO DR.HENRIQUE SANTILLO E ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PARALÍZIA CEREBRAL. SOUSA, Ângela Maria Costa de; NASCIMENTO, Marilena; DAHER Sérgio (Coord.) Caminhos da Inclusão. Goiânia: 2008. COMUNICAÇÕES, Ministério das. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/o-ministerio/documentacao-sobre-acessibilidade-consulta-publica>. Acesso em 29 de nov. de 2010.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA. Direção: Fernando Meirelles. Intérpretes: Julianne Moore; Mark Ruffalo e outros. Brasil/Canadá/Japão: Fox, 2008.1. DVD (124 min).



- FOUNTANA, M. L.; NUNES, E. L. *Educação e inclusão de pessoas cegas: da escrita braile à internet*. UFSM, 2007. Disponível: <http://w3.ufsm.br/alemdavisao/publica>. Acesso em: 20 de out. 2010.
- GUARESCHI, A. Predinho, BIZ, Osvaldo. *Mídia & Democracia*. 3ª edição. Porto Alegre. 2005.
- JANELA DA ALMA. Direção: João Jardim / Walter Carvalho. Intérpretes: Eygen Bavcar; Raimunda da Conceição Filha e outros. Brasil: Europa, 2002.1. DVD (73min).
- LIMA, E. P. *O que é livro-reportagem*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- LIMA, E. P. *Páginas ampliadas - o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2004.
- MARQUES, C. A. *A construção do anormal: uma estratégia de poder*. 24ª. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2001.
- MASINI, E. F. S. *A educação do portador de deficiência visual – as perspectivas do vidente e do não vidente*. Brasília, nº60, 1993.
- MENDONÇA, A. *et al. Trabalhos Acadêmicos: planejamento, execução e avaliação*. Goiânia: Ed. Faculdades Alves Faria, 2009.
- PATERNOSTRO, Íris Vera. *Texto na TV: Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: editora Campos, 1999.
- PENA, F. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PENA, F. *Teorias do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PERFUME DE MULHER. Direção: Martin Brest. Intérpretes: Al Pacino; Chiris O'Donnell e outros. EUA: Universal, 1992.1 DVD (156 min).
- SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo*. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2004
- UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, CORDE, 1994. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/legislacao-que-regulamenta-a-educacao-especial-no-brasil-737561.html>. Acesso em 19 de out. de 2010.
- VERMELHO COMO O CÉU. Direção: Cristiano Bortone. Intérpretes: Luca Capriotti; Patrizia La Fonte; Paolo Sassanelli e outros. Itália: Califórnia, 2006.1 DVD (95min).
- WERNECK, C. *Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva*. 2ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 2000.